



## O tempo da Ursa

**A vontade que eu tinha, já não a quero. Já nem sei dizer o que era.**

Cada idade tem os seus desejos – isso já toda a gente sabe. Por muito sonhadores que sejamos, queremos sempre o que quase podíamos ter. O coxo quer andar e não correr e o andarilho quer correr e não voar num avião invisível num céu que fosse só dele, como querem as crianças.

Mas as vontades não só têm um tempo como visam um tempo. Cada idade tem um querer mas cada querer tem uma época. Quando se é muito novo, quer-se que seja já amanhã. Tudo menos hoje. Amanhã, quando eu for mais velho e a minha mãe deixar-me ter um canivete. O mais amanhã possível, se fizerem favor.

Está-se sempre à espera; as coisas nunca mais acontecem; as promessas não são cumpridas; a chuva não pára; o Verão não acaba.

Quando se é uma criança, amanhã é que é. Vêem-se os miúdos mais velhos e eles têm tudo o que uma pessoa podia pedir na vida. São felizes e toda a gente os respeita, apesar de só terem onze anos.

O futuro é o tempo infantil. Mas a partir desses primeiros anos, começa a regredir. E tempo que se deseja vai-se aproximar do presente.

Lembro-me, quando tinha para aí 23 anos, de já não querer saber mais do futuro. Queria era que o presente se prolongasse para sempre. Julgava que tinha tudo de que precisava para ser sábio e feliz. A palavra mais bonita que eu conhecia era agora.

Gostava da música que era do agora de então; dos livros de agora; das raparigas de agora; da maneira como funcionam as universidades e as festas neste momento. Naquele.

O amor pelo presente é um sofrimento: um constante temor de perder. Põem-se as mãos em cima das coisas que estão na secretária – as canetas; as cartas; o jornal daquele dia – como se estivéssemos a protegê-las. Como se conseguíssemos. Como galinhas.

Foi um incêndio, ocorrido muito mais tarde, que me ensinou isto. Só um bocadinho antes do que aconteceria naturalmente. Diz-se que as pessoas aprendem a perder o apego às coisas que sabem que vão perder. Ou que deveriam aprender. Mas eu acho que não se aprende nada. Apenas se deixa de querer aquele tempo – o agora ou o amanhã, não interessa – para se passar a querer outro.

Há uma maneira comezinha de verificar este movimento: as paisagens. Quando se é criança, desejam-se paisagens desconhecidas; impossíveis de conceber; mas que têm de lá estar, à nossa espera.

Como é que se quer o que ainda não se conhece? Como se sente nostalgia se só viveram cinco anos? Como se pode ter saudades se a memória ainda não é o que há-de ser? E a idade, também – com 5 ou 6 anos há sempre muito para fazer – não se presta a isso.

Em criança, é o futuro. Quando somos jovens adultos, é o presente. Mas, quando chega a meia-idade, arranca o passado. Imagine-se o arco desta viagem: a direção é sempre a mesma, para cada vez mais longe do futuro e cada vez mais perto de um passado cada vez mais longínquo.

O primeiro passado que se deseja surge quando se tem 35 anos e costuma corresponder à década em que se nasceu. No meu caso, foram os anos 50 que me fascinaram quando eu tinha essa idade.

Como não temos memória que preste dos nossos primeiros cinco anos de vida, nostalgia pela década do nosso nascimento não é bem uma saudade: é mais uma aventura da curiosidade. É uma viagem narcissista em que vamos descobrir as coisas que aconteciam enquanto nós ainda não tínhamos noção de estar a acontecer.

É a primeira rejeição do presente; a primeira vez em que se chora que está tudo muito mudado; a primeira vez que nos enganamos a nós próprios, incapazes de ver que é a nossa juventude perdida que estamos a chorar e não o desaparecimento daquela música; daquela roupa e daqueles fins de tarde na praia que nunca mais foram os mesmos.

Dez anos depois, lá para os 45-50, este passado desejado muda mais uma vez. Fartamo-nos da nossa década de nascimento; compreendemos que não era assim tão diferente das outras. É acessível de mais. Há toda uma vasta indústria “retro” para alimentar esse impulso. Longe de parecer distante, aquela nossa década até parece estar na moda. Toda a gente lhe acha graça e, se há coisa que não tem graça nenhuma, é isso.

Muda-se para um passado anterior ao nosso nascimento. Podem ser os anos 20. Ou o Século XVIII. Ou a 1ª Dinastia. É muito frequente ser uma época pré-Industrial. Procuram-se tradições antigas – de arte; de cozinha; de artesanato; de comunidade – que parecem mais sólidas, mais bonitas e mais autênticas do que as versões modernas.

No entanto, este penúltimo passado tem uma componente humana – nem que sejam gravuras rupestres. As paisagens de 1ª Dinastia – que ainda se encontram Portugal fora – têm sempre uma cancela; um fio de fumo; talvez um arado. É um passado rural, de simplicidades eternas, em que tudo tem o seu lugar e toda a gente se conhece. Mas mesmo este passado está condenado pela passagem do tempo sobre o nosso coração.

Tive um pequeno prenúncio, quando estava a descer à Praia da Ursa, perto do Cabo da Roca. É preciso ir para perceber o que é. (Aproveito para recomendar a caminhada que foi brilhantemente descrita e indicada por José Manuel Fernandes no suplemento “Fugas” do “Público” de 23 de Maio).

Acredito que é este o último passado que se deseja antes de morrer: o mais difícil mas o que mais sentido faz naquela idade mais sábia e difícil de contentar.

É o passado antes do Homem; antes dos seres humanos virem pisar tudo. É a natureza bruta, sem intervenção ou vestígio da nossa espécie. É a beleza selvagem da acção de um tempo muito mais comprido e lento do que o nosso. São as paisagens que são impossíveis de datar. Só um geólogo seria capaz de fazer uma estimativa; mais dez mil anos; menos dez mil anos. Mesmo com a maior precisão, jamais poderia determinar a idade de uma rocha em unidades de 90 anos, que é uma vida humana inteira.

É isso que impressiona – lá está – as pessoas mais velhas. São as paisagens, como as duas rochas da Ursa com o mar a bater à volta, que parecem ser de Antes do Tempo.

Sabemos que aquelas rochas foram líquidos e que os líquidos vieram do centro da Terra – que já foram muito novas; que já foram recém-nascidas – mas são tão mais velhas do que nós, e tão mais graciosas, que parecem eternas e imortais. O contrário de nós.

Assim vamos trocando de vontades e de idades e de passados. Se calhar, é triste que seja assim. Mas não podia ser de outra maneira. E é assim, afinal de contas, que é bonito.